

DE UM ESCRITO PARA SUPORTAR A FALA DESCARRILADA

Angela Vorcaro

A importância da função da fala, na psicanálise, conta com a subversão de qualquer pressuposto que limita o campo da linguagem à comunicação. A psicanálise trata, portanto, de libertar a fala da linguagem, destacando a singularidade de sujeito a toda imagem de equivalência que o código permite supor. Afinal, a fala é a possibilidade de produção de um sujeito: ela tece a singular tensão entre a pulsão e o gozo, inquirindo o defeito insistente de realização.

A condição de possibilidade de atendimento psicanalítico de uma paciente disártrica torna interrogativa a afirmação de que a fala é o único meio da psicanálise. Afinal, seria impossível escutar um sujeito quando a articulação da fala está ausente?

Luciana manifesta-se apontando letras alfabéticas. Seu letra-a-letra desdobra palavras, frases e permitem enunciados, estabelecidos sobre um pequeno quadro de cartolina com letras impressas que ela aponta tropegamente, para concatenar as séries que recolhem um enunciado. Como ela poderia fazer prevalecer uma enunciação, apesar da constrição de sua fala? Ela se servia de um quadro de letras e do movimento da mão que as apontava, além de dois outros gestos: um, que interrompia cada seqüência produzida; outro, que assentia ou se opunha.

O meio pelo qual supostamente a suplência da sua fala poderia se veicular, parecia insuficiente. Isto porque o reconhecimento de uma fala nas manifestações de Luciana implicava numa grande distorção dos princípios em que o método psicanalítico se assenta. *A associação livre* do paciente e sua contrapartida – a *atenção flutuante* do analista, não tinham vigência diante das dificuldades de reconhecimento das escolhas de letras tropegamente apontadas, a segmentação de palavras e a composição textual que elas formavam. Assim, o esforço implicado na produção e no reconhecimento do

código sobrepunha-se ao trabalho psíquico que ali se exigia. Afinal, para que seu enunciado fizesse laço, não era suficiente lê-lo. Também era imperativo o engajamento do ouvinte na vocalização das palavras assim tecidas, para que sua vontade de dizer fosse reconhecida numa voz. A vocalização de cada palavra, esperada por ela ao fim de cada seqüência indicativa de letras, se mostrava necessária para o asseguramento de que uma frase estava sendo, efetivamente, formulada. Enfim, a premência da vocalização evidenciava o risco de evasão do enunciado e a importância de contê-lo por via da produção sonora.

Importa, nessa distorção do método, recuperar o que Freud nos diz a respeito da *associação livre* e da *atenção flutuante*. Se, por um lado, ele afirma que o analista “pode ver-se levado a adotar atitude diferente em relação a seus pacientes e à tarefa que se lhe apresenta” (FREUD, 1912/1993, p.111-112). Freud é enfático quanto à contrapartida da exigência feita ao paciente de comunicar tudo o que lhe ocorre sem crítica ou seleção. A atenção suspensa do analista rejeita qualquer expediente especial (mesmo o tomar notas) e não deve dirigir reparo a algo específico, evitando assim o perigo do exercício da atenção deliberada: seleção e negligência de materiais segundo as próprias expectativas ou inclinações. Evidentemente, a *associação livre* de Luciana estava interrompida pela lentidão de sua motricidade, pela interrupção de cada palavra, à espera de sua vocalização e pela sintetização que reduzia o esforço motor; sua contrapartida, a *atenção suspensa* da analista, também era sistematicamente interrompida pela vocalização e pela reconstrução letra-a-letra, palavra-por-palavra, frase-por-frase do texto que a paciente compunha, situação em que a materialidade das letras apontadas e dos gestos exigidos sobrepujavam o sentido a ser transmitido, tornando-as todas signos indiscriminados, cujos valores psíquicos dificilmente eram destacáveis. É o próprio Freud, o precursor da distinção entre o valor fônico e

ideográfico da escrita (PORGE,1997) que aponta modos diferentes de leitura, e suas implicações:

“Quando eu presto intencionalmente uma atenção toda especial às imagens visuais das letras e outros signos, o sentido do que li me escapa [...]. No momento em que devo ler em voz alta e portanto sou obrigado a atribuir uma atenção particular às imagens sonoras de minhas palavras e a seu intervalo, arrisco-me, de novo, a cuidar muito pouco do sentido”(FREUD, 1897/1987, p.125).

Na trilha desta distinção feita por Freud entre imagem visual da letra e imagem acústica da letra, Pommier (1993) esclarece como esta oposição, que a leitura em voz alta parecia querer recuperar, permite a produção de sentido:

“O som não compreende a imagem e a imagem não compreende o som. É, portanto, pelo pedaço disso que falta a cada uma das consistências sonora e visual que elas se associam e se lêem. O pedaço de falta permite uma leitura global, que não é nem globalização sonora, nem globalização visual, mas articulação de faltas, com a condição do recalçamento sucessivo de cada uma dessas consistências. A ligação da imagem visual à imagem acústica permite a passagem da letra ao significante, passagem que a dupla face de letra autoriza, pois, à imagem sonora sobre uma face, ela é, sobre a outra face, visual e associada assim a outras letras. A leitura rola sobre ela mesma graças ao recalçamento sucessivo disso que se vê e disso que se escuta, de sorte que uma palavra escrita não se resume jamais à sua fonética, e muito menos à sua imagem. O pictural e o sonoro rolam um sobre o outro graças a uma falta única, aquela onde o leitor pode se reconhecer, apreendendo nesta travessia de qual imaginário ele se banha” (POMMIER, 1993,p.293)

Luciana nos convoca a retomar a sua condição, neurologicamente definida como disártrica, e o que ela nos ensina sobre o ato de fala, através dos problemas do quadro de letras, seu meio de comunicação, que ela pode reconhecer.

Os percalços da perda de vigência do dizer de Luciana comparecem nos problemas que o meio utilizado para manifestar-se impõe ao **código**. A relação entre mostrar as letras e o ato de ler, produz substituição de uma letra por outra, deslizamento do olhar que se desloca da letra apontada, perde-a e compõe uma outra palavra. Afinal, o dedo usado para indicar a letra alfabética escolhida depende da condição de extensão e contração possíveis à mão naquele momento e naquela posição, o que, por vezes, deixa o leitor sem parâmetros de orientação. De outro lado, a lentidão da formação da palavra

a partir da seqüência de letras causa sua perda, destacando a notória defasagem da sustentação temporal da atenção na leitura, que impõe, por isso, a necessidade de confirmação. Por esse meio, antes que um enunciado seja suposto como já dito, o dizer pretendido é atravessado pelo esforço de seus gestos para destacar letras, pela seqüência das letras que esses gestos formam, pela espera da leitura em voz alta de cada palavra, pela efetivação dessa leitura que confirma a transmissão dos elementos do código e, ainda, pelo assentimento, a cada palavra, da eficácia do meio (que nunca está garantida, posto que inclui a competência de leitura de um outro, quando o dito ainda está sendo emitido).

O que ela visa é ao testemunho dado pelo empréstimo do suporte vocal do outro ao seu enunciado. Em vez de almejar resposta, ela quer saber se disse.

Entretanto, ela diz mais que isso. Ela situa a perda da vigência do seu dizer, no **funcionamento discursivo**. Afinal, pode-se supor que, numa situação dialógica qualquer, a língua é posta em funcionamento na medida em que a fala chama resposta, como diz Lacan (1966/1998). No caso, antes que o outro se engaje na situação dialógica através da resposta ao dito, ele é convocado a dizer tal dito. É na voz do outro que a lê que ela se assegura de ter dito – e tal voz aplaca seu dizer ao fazer-se de embreagem. O encadeamento do enunciado fica exposto a um estiramento tão extenso entre cada letra alfabética, que produz, no semelhante, a urgência de concluí-lo, antes que ele tenha sido dito. O outro se antecipa, reorienta o querer dizer de Luciana e dele se apropria.

O estiramento da cadeia do enunciado, causado pelo apontamento letra-a-letra, faz um efeito de interrupção suficiente para ser tomado como pontuação de frase, ou seja, alicia o turno do leitor que a completa, antes de esperar que a continuidade do enunciado subverta, por retroação, a hipótese assim formulada. Pode-se constatar, no nível do funcionamento discursivo, que este meio de interação produz um efeito de

sugestão capaz de condensar sentidos dados pelo outro, impostos e sobrepostos ao querer dizer dela. O empréstimo da voz incide fora do tempo, atropela o querer dizer, escancarando que não há comunalidade de procedimentos de construção do dizer entre dois sujeitos e, ainda, que o ato de dar voz não lhe é secundário, mas é constitutivo do ato de enunciar.

Mas, L. diz ainda mais: da expansão de sua voz, de seu riso, do seu ***modo singular de ocupar um espaço enunciativo***, artefato que, por mais efêmero que seja, produz, reinventa um sujeito grávido de enlaces ao outro.

A mudez lança L. no limbo da dessubjetivação, confrontada à posição de coisa do mundo. Sem voz, Luciana não pode impor silêncio ao real do corpo, cuja fala se degrada na imediatez em que os efeitos que qualquer outro lhe causa comparecem em grito, em choro convulsivo ou em espasmos que não pode conter nem simular. Como diz Charles Melman (1985):

a voz impõe silêncio ao real, e, primordialmente, ao do corpo. Devido à voz, V.O.Z., o ruído que ele arriscaria fazer ouvir, mesmo que fosse um gentil gorgorejozinho, transforma-se em impolidez, em inconveniência, melhor dizendo, em obscenidade. O que se tolera do corpo face à voz, seus gestos, seu gestual que supomos natural, deve ser simples acompanhamento, testemunha da obediência do real do corpo à voz. Como sabemos, o ato falho, o lapso motor, a ruborização, ou seja, a intervenção do real do corpo face à voz, vem simplesmente assinalar que, do ponto de vista do real, há, nesse momento, algo que dá o alarme, quer dizer que se está mentindo (p.76).

O corpo de L. fala do quanto o organismo depende da fala para alçar a condição de sujeito. Sem falar, L. está submetida ao outro, não pode deixar de estar na posição imaginária em que é alocada. Não pode servir-se da distância que a fala permite – esse mínimo de liberdade de ***construção de uma cena enunciativa***, onde se pode até falar para não dizer nada, utopia do falar que concerne a possibilidade de qualquer língua ser falada (DE CERTEAU, 1983).

A contingência do acidente vascular cerebral é invasão do real insuportável. Mas Luciana engajou-se em perfurá-lo, contando com a dimensão simbólica que a intimava a

fazer prevalecer sua condição de sujeito. No tratamento analítico, o movimento de simbolização do real introduziu uma discernibilidade que o tornou abordável, permitindo-lhe deslocar-se do estado de exceção em que se encontrava para alterar a posição do real numa subjetivação deste que o faz funcionar como recalcado. Assim, ao responsabilizar o outro e convocá-lo a suportar que ela diga, localiza alguém que lhe nega o direito à palavra, distingue outros que lhe reconhecem e faz, por tal deslocamento, prevalecer a dimensão simbólica sobre a condição real.

Desta ancoragem no simbólico, tentou reinventar-se sujeito afásico e pôde insistir em se fazer reconhecer como tal, articulando seu discurso na escrita de um livro onde ela podia se lembrar quem era, ressublinhando a aposta de que a escrita poderia fazer valer a sua voz, na narrativa que a faria falar.

Desta perspectiva, entre o apelo de reconhecimento e de piedade, ela conquistou programas populares de televisão e os instrumentos necessários para alocar-se numa posição subjetiva. Com donativos, adquiriu meios de circulação no discurso social. Mais que isso, popularizou-se como catalizadora da superação do real, exemplo onde alocou seu resgate narcísico, em que a força de sua estrutura psíquica prevaleceu sobre sua condição orgânica.

O acesso à simbolização do real foi substituído pelo espetáculo de sua exposição pública, de sua mostra. Isto lhe assegurou a recuperação narcísica, apesar de não ser mais linda e loura. Pode, agora, servir-se de sua tetraplegia muda e supor-se escritora, motivo de ter deixado o tratamento. Deixando o tratamento deixou também indecído se a análise foi bem sucedida ou se foi um fracasso colossal.

BIBLIOGRAFIA

DE CERTEAU, M. Utopies vocales: glossolalies. In: **Le discours Psychanalytique**, ano 3, n.1., Paris, Association Freudienne, 1983

FREUD, S. **Contribution à la conception des aphasies**, (1897). Paris, PUF, 1987.

_____. (1912), Consejos al médico sobre el tratamiento psicoanalítico. In: **Obras Completas**. V. 12. Amorrortu, Buenos Aires, 1993.

LACAN, J. Função e Campo da fala e da linguagem em psicanálise. (1966) In: **Escritos**, Rio de Janeiro: JZE, 1998.

MELMAN, C. **Novos estudos sobre o inconsciente**. Artes Médicas: Porto Alegre, 1994.

POMMIER, G. **Naissance et renaissance de l'écriture**, P.U.F., Paris, 1993

PORGE, E. Uma fobia da letra, a dislexia como sintoma, *In*: Bernardino, L.M.F.(org.)

Neurose infantil versus neurose de criança. Ágalma, Salvador, 1997.

SOBRE A AUTORA

Angela Maria Resende Vorcaro. Psicanalista (Association Lacanienne Internationale), Doutora em Psicologia Clínica (PUCSP), membro dos grupos Psicanálise, infância e educação (Anpepp) e Outrarte (Unicamp), Professora do Departamento de Psicologia da UFMG. Grupo de pesquisa (UFMG): Psicanálise, subjetividade e cultura. E-mail: angelavorcaro@uol.com.br